

**Evento:** XXV Seminário de Iniciação Científica

## **ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO<sup>1</sup>** **SOME REFLECTIONS ON TEACHING PHILOSOPHY IN MIDDLE SCHOOL**

**Pedro Valdir Da Conceição<sup>2</sup>, Cauana Peyrot Conceição<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho de pesquisa realizado no curso de Pós-Graduação em Filosofia da UFSM.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Educação do Campo/ UFSM- UAB

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Educação do Campo- UFSM-UAB

**INTRODUÇÃO** presente trabalho é resultado de investigação acerca do ensino de filosofia no Ensino Médio, cujo objetivo é realizar algumas reflexões sobre sua prática nas turmas de ensino médio, bem como, algumas metodologias de ensino de filosofia. A partir dessa questão foram realizados alguns estudos, tendo como objetivo: investigar sobre o ensino de filosofia no ensino médio. Para cumprir com o objetivo da pesquisa, alguns conceitos sobre o tema foram encontrados nos autores que destacamos Inicialmente, Gallo (2002) destaca que ensinar filosofia é “correr risco”, mas é também abrir para diversidade, diversidade de ideias, de pensamentos. Ensinar filosofia é acima de tudo um exercício de criatividade. Da mesma maneira que foi recorrido a Gallo, também buscamos o entendimento no que Murcho (2002) diz sobre o assunto. O autor defende que a filosofia diferente das demais disciplinas por não conter um corpo próprio, mas por perpassar por todas as demais disciplinas, pode aparentar não ter suas especificidades, não obstante, existe um modo próprio e muito particular de trabalhar com os conceitos filosóficos, ainda que as outras áreas do saber façam parte do mesmo.

Entretanto, este estudo não se apresenta como um arcabouço de respostas prontas para resolver os problemas no ensino de filosofia, visto que não há como encontrar um receituário para o ensino da disciplina, mas se constitui como uma tentativa para realizar algumas reflexões e propor algumas sugestões para ensino filosofia no ensino médio. Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de desenvolver o ensino de filosofia não como conteúdo, mas como elemento que se faz necessário dentro do currículo escolar. Por entender que o ensino é capaz de proporcionar mudanças, não só no pensar filosofia, mas na atuação nas demais áreas do conhecimento, associado as diversas realidades vivenciadas pelos educandos nas suas especificidades com diálogos abertos, aos quais devem ser provocados pela capacidade de questionar sua atuação como ser humano no mundo, buscando elementos suficientes para agir na realidade. Então nos perguntamos: Por que ensinar filosofia no ensino médio?

### **METODOLOGIA**

No que diz respeito ao aspecto metodológico utilizado para este estudo, destacamos o uso de análise de conceitos de modo exploratório, tendo por base a pesquisa bibliográfica referenciada nas produções que versam sobre a temática em questão. Nesse sentido, configuram-se como materialidades bibliográficas: teses, dissertações e livros, bem como alguns documentos das Políticas Públicas para a educação. A escolha de uma Investigação de cunho bibliográfico se deu a

**Evento:** XXV Seminário de Iniciação Científica

fim de compreender algumas das principais metodologias de ensino para as aulas de filosofia no ensino médio.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: HISTÓRIA, CONCEITOS E DESAFIOS**

Para dar início a reflexão sobre o ensino de filosofia no ensino médio, recorremos a lei nº 9.394/96 a que trata diretamente das questões das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Nessa lei, em seu art. 1º define que “a educação deverá abranger os processos que se desenvolvam na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” Brasil (1996. Art. 1º).

Assim, é preciso dar uma volta ao passado sobre o ensino de filosofia. Para tal, nos reportamos aos anos 60. Nessa década, a disciplina de filosofia foi extinta dos currículos escolares por força da ditadura militar, a qual não considerava a disciplina importante ou de relevância, principalmente em função do seu caráter questionador e crítico o qual poderia causar uma certa desestabilização dentro do regime que estava vigente no Brasil. Aranha (2001) destaca que mesmo com sua extinção, a luta para que ela retornasse aos currículos escolares se prolongou por muitos anos numa busca constante travada pelos principais pesquisadores, professores e intelectuais brasileiros.

A obrigatoriedade da disciplina nos currículos escolares tomou corpo com a proposta do “Padre Roque” que propunha mudanças na Lei de Diretrizes e bases da Educação (LDBEN) através do projeto de lei 3.178/97. No ano de 1999 ela foi apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ainda não efetivada como disciplina, mas como sugestão de ser trabalhada na forma de tema transversal. Mesmo que as lutas pelo para seu retorno nos currículos escolares fossem grandes, faltava uma clareza e sistematização sobre que trabalhar e, que tornasse possível sua articulação com as demais disciplinas.

Nesse sentido seguia um esvaziamento e uma falta de identidade da disciplina, fator que deu espaço para que muitos profissionais de outras disciplinas, sem a formação específica em filosofia assumissem o ensino de filosofia. Com isso, a disciplina tornou-se vaga de investigação, empobrecida e sem consistência, não obtendo grandes avanços na construção do conhecimento específico da área. Essa mesma falta de formação dos professores fazia deles uma espécie de profissional que tinha o objetivo de lecionar filosofia, mas não de ensinar os alunos a filosofar.

No sentido de quebrar o tabu sobre o ensino de filosofia sem refletir sobre a realidade, mas se voltar no ato de ensinar de forma crítica e reflexiva e transformadora, isso seria o que a disciplina de filosofia deveria assumir. Uma educação onde seu ensino apresenta-se bem fundamentado nos diálogos interdisciplinares e, em harmonia com as demais disciplinas. Ao adentrar nas ideias de Freire (2003), encontra-se, que o ato de ensinar é um ato de amor e, por isso não tem como temer a realidade. Não há como fugir da discussão criadora sob a pena da educação se tornar uma farsa.

**Evento:** XXV Seminário de Iniciação Científica

Ao refletir sobre o pensamento freireano, percebe-se que o professor de filosofia deve passar por alguns enfrentamentos, a fim de, ensinar filosofia de forma significativa. É na discussão sobre a realidade que nos vemos como ser humano pensante com a capacidade de modificar-se pela habilidade de refletir e de avaliar as arbitrariedades da sociedade. Nesse sentido, ou somos educadores, mediadores de uma educação transformadora, ou ficamos acomodados e continuaremos ensinando sem conexão com a realidade, sem objetivos claros e definidos.

Dessa maneira, ensinar filosofia também é aprender a filosofar. O objetivo do professor de filosofia não é o de ensinar as histórias, nem de tornar a disciplina sem conexão com as demais. Nem é tarefa de ensinar ideias fixas conteúdos estanques, mas é sim, tarefa de ensinar e de ajudar o educando a formular conceitos e a pensar sobre os mesmos. Ensinar o educando a pensar e criar seus próprios conceitos, assim como, saber utilizar de forma autônoma os conceitos já formulados pelos alguns filósofos, sem abrir mão da tradição filosófica e de todo o conhecimento que já foi construído.

Posto isto, a sociedade cria expectativas frente à escola, crente que a escola não será uma instrumentalizadora, mas uma instituição que aliada a família dará continuidade ao processo formativo previsto para todas as fases da educação escolar. Nesse sentido, qual é o papel da educação escolarizada como processo de socialização? O que observa no ensino escolar é uma certa desmotivação do educando em querer aprender, querer pensar. Sendo assim, se torna mais fácil para o educando, acreditar naquilo que a mídia coloca como verdadeiro de que refletir sobre a realidade vivenciada na sociedade contemporânea, se tornando presa fácil da alienação.

Que sentido tem para os jovens na atualidade em mergulhar nos estudos e formular seus pensamentos próprios quando é possível viver como telespectador dos acontecimentos? Por vez, o jovem é imediatista, no sentido de querer que as coisas aconteçam no mesmo instante. Surge facilmente a decepção dos mesmos, pois os resultados nem sempre são imediatos. Então, vem a questão, como ensinar filosofia em tempos de globalização? Para contribuir com essa reflexão buscamos em Gallo (2006) a seguinte afirmação:

Em suma, ensinar filosofia é um exercício de apelo a diversidade, ao perspectivismo, é um exercício de acesso a questões fundamentais para a existência humana; é um exercício de abertura ao risco, de busca da criatividade, de um pensamento sempre fresco, é um exercício da pergunta e da confiança, da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios dificilmente encontrará prazer e êxito nessa aventura que é ensinar filosofia” (GALLO, 2006 p. 199).

Nesse caso é importante que o educando se esforce para compreender os conceitos formulados pelo filósofo e sobre tudo, estar disposto a aprender filosofia. O método usado pelo professor de filosofia é importante, mas não é a garantia de que o ensino se efetive.

Ainda continua a dúvida, como ensinar filosofia? Concordando com o pensamento dos filósofos que no passado já buscavam entender as causas e as razões. Acredita-se, que não dá para dissociar

**Evento:** XXV Seminário de Iniciação Científica

nem a teoria nem a prática, ambos devem servir para entender a filosofia do passado e construir conceitos que sirvam para atualidade. Dessa maneira, a disciplina de filosofia, além de perpassar pelas demais disciplinas, deve favorecer o diálogo, a inquietação e principalmente a afirmação da autonomia do educando. Com isso, cabe aos educadores criar estímulos, usar metodologias que ajude na transposição de saberes filosóficos e principalmente que leve o educando a refletir sobre quem ele é, e qual é sua função na sociedade. A filosofia, é nesse sentido capaz de oferecer subsídios muito rico de apoio a reflexão dos educandos.

Ensinar filosofia numa perspectiva transformadora, requer rigorosidade metódica para que consiga assumir um nível de educação para construção de saberes que permita aos educandos a condição de formular conceitos próprios, e que propicie a capacidade de refletir e de enfrentar as adversidades da vida e da sociedade. Por tanto, essa rigorosidade não tem nada a ver com o discurso de uma “educação bancária”, transferidora de conteúdo (Freire 2011, p. 28).

Se faz urgente refletir sobre algumas práticas que não deram certo e propor outras novas que possibilitem a formação de um ser humano autônomo, com a capacidade de fugir das armadilhas da alienação. Uma educação que sugira conexões entre o saber formal e o conhecimento concreto. Nesse sentido, há um grande desafio entre o saber específico e o saber relacionado entre os demais saberes. Conforme Chauí (2000, p. 17): “Podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes humanos”.

Assim, a fundamentação pedagógica da filosofia no ensino médio, não pode e não deve se apresentar dissociada da sua finalidade, no contexto da educação básica. Saber o que ensinar e como ensinar. Percebe-se que esse é um grande desafio para os professores de ensino de filosofia no ensino médio. Olhando superficialmente não parece ser tão difícil realizar esses procedimentos, mas refletindo um pouco, vimos que afirmar essa condição é bem mais complexa.

A sociedade passa por imensas transformações sociais e tecnológicas, as quais precisam ser problematizadas nas aulas de filosofia para que se realizem verdadeiras práticas de transformação. O professor de filosofia, nesse sentido, deve acompanhar as mudanças socioeconômicas e tecnológicas transpondo essas para sua prática de ensino. Na sequência, procuramos abordar alguns elementos a fim de proporcionar diálogo sobre o ensino de filosofia na sociedade em transição. Elemento esse, a qual julgamos importante na prática pedagógica

## **CONCLUSÃO**

Mesmo que a disciplina de filosofia ao longo de sua história tenha sido retirada do currículo escolar, a mesma voltou com a expectativa de ficar. O desafio de mantê-la como disciplina que se diferencia das demais apesar de ter um pouco de cada uma das demais disciplinas, está no que e como o professor deve ensinar e seu objetivo para as aulas de filosofia. O Ensino Médio geralmente, considerado pelos educadores como a fase de consolidação do aluno jovem, da sua personalidade e seus desejos. Nesse sentido, a filosofia apresenta um papel bastante importante e fundamental numa perspectiva de colaboração.

Muitos são os conceitos sobre os saberes filosóficos que se encontram prontos. O professor

**Evento:** XXV Seminário de Iniciação Científica

precisa permitir e fornecer meios para que os alunos pensem e filosofem. É pertinente que o professor de filosofia ensine, não apenas lendo os textos, periódicos, artigos, entre outros que estão prontos, não que seja errado, mas que eleve o aluno a transpor esse estudo para sua realidade criando novos conceitos sobre o assunto estudado, analisando, criticando e formulando novas ideias.

Por fim, aprender filosofia não é, e nem pode ser dissociado do ato de ensinar, pois aprendendo se ensina e ensinando se aprende. O professor de filosofia precisa criar as condições necessárias para que o aluno filosofe, o que significa dar uma certa dimensão as questões da filosofia no que ela tem trabalhado historicamente, ou seja, dar uma certa atenção a uma dimensão do pensamento que a filosofia tem trabalhado historicamente, a dimensão do conceito, a questão de como conceituar, o que acontece na sua volta, reconhecer sua identidade e o mundo. O aluno precisa saber conceituar o problema, entender o que é um problema, entender as diversas formas de pergunta e a relação entre a pergunta e problema, além do mais, experimentar as diversas maneiras de se perguntar e a diferenças entre ambas as perguntas. Dessa maneira não há um método para ensinar e aprender, nem mesmo pensar, mas há uma oportunidade de desenvolver um ensino construído democraticamente.

**Palavras-chave:** Professor de filosofia; Ensino de filosofia; Ensino democrático.

**Keywords:** Professor of philosophy; Philosophy teaching; Democratic teaching.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2 ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN)**. Lei nº 9.394/96. Brasília: MEC, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/-03/LEIS/l9394.htm>>. Acesso em: 11 de maio de 2017.

CHAUÍ, M. **O que é ser educador hoje?** Da arte à ciência: a morte do educador. In Brandão, C.R.- Educador Vida e Morte, Rio de Janeiro, 1982.

FREIRE, Paulo; **Educação como prática de liberdade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALLO, S.; KOHAN, W. **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GALLO, S. A filosofia e seu ensino: Conceito e transversalidade. In.Revista Ethica. V.13, N.1. Rio de Janeiro, 2006.

MURCHO, Desiderio. **A natureza da filosofia e seu ensino**. Revista Educação V.27-nº2, 2002

**Evento:** XXV Seminário de Iniciação Científica